

# A resignificação de enunciados da canção na perspectiva do ouvinte/analista: caso “Loucos de Cara” no contexto Brasil 2013–2014.

Ana Lúcia Fontenele

Escola de Comunicação e Artes – USP  
alfontenele@gmail.com

O universo da canção ultrapassa fronteiras de tempo-espaço, sujeito, portanto, torna-se aberto a resignificações e reinterpretações em outros momentos históricos. Tal tendência se consubstancia no âmbito da canção pelo viés do conteúdo presente nos seus enunciados. O presente trabalho observa a possibilidade da canção de reinventar-se partindo da perspectiva do ouvinte. A partir da audição da canção “Loucos de Cara” de Kleiton Ramil e Vitor Ramil, composta nos anos oitenta do século passado e regravada em 2013, tais perspectivas de releituras foram se delineando quando seus conteúdos foram associados ao comportamento dos jovens e da população em geral frente às novas realidades sociais do Brasil ocorridas desde junho de 2013. A trajetória metodológica a ser utilizada virá apoiar abordagens ligadas à releituras e ressemantizações dos enunciados presentes na canção «Loucos de Cara» a partir da perspectiva do ouvinte/analista em determinado contexto histórico. Nessa perspectiva a canção propicia associações com uma espécie de “canção crítica” que surge, segundo Naves (2010, p. 110) em um momento de “substituição de uma retórica utópica por uma estética do aqui agora”.

**Palavras-chave** música popular brasileira, canção, resignificação, enunciado.

The universe of song overtakes the time, space and subject's borders. Therefore, it is open to resignification and reinterpretation in others historical contexts. Such tendency is present in the world of song in the ways of the content in these enunciations. The actual work observes what are the possibilities for the song to reinvent itself, by the perspective of the listener. From the audition of the song “Loucos de Cara” by Kleiton Ramil and Vitor Ramil, composed during the eighties of the last century and recorded again in 2013. Such ways of re-reading were been designed when their contents were associated with the behaviour of youngsters and the general population in front of the new social reality of Brazil, risen since June 2013. The methodological path used will support the approaches about the re-reading and the resignifications of the enunciations in the song “Loucos de Cara” from the perspective of the listener/analyst in the specific historical context. In this way the song provides associations with a kind of “critical song” that shows up, according to Naves (2010:110) in the moment of the “substitution of the utopic rhetorical by the aesthetics of the present (here and now)” .

**Keywords** Brazilian popular music, song, resignification, enunciation.

O presente trabalho observa a possibilidade da canção de reinventar-se partindo da perspectiva do ouvinte. A partir da audição da canção “Loucos de Cara” de Kleiton Ramil e Vitor Ramil, composta nos anos oitenta do século passado<sup>1</sup>, tais perspectivas de releituras foram se delineando quando seus conteúdos foram associados ao comportamento dos jovens e da população em geral frente às novas realidades sociais ocorridas no Brasil desde junho de 2013.

Em vários momentos da música popular brasileira, principalmente nas vertentes que priorizavam enunciados de caráter social, as abordagens composicionais relativas às letras, aos arranjos e às interpretações foram mudando. O contexto utópico presente nas primeiras canções de protesto no Brasil muda com o surgimento da Tropicália, a partir da adoção de uma estética musical advinda do rock com a introdução dos instrumentos elétricos, principalmente da guitarra. As interpretações dos cantores e cantoras eram mais ousadas. Segundo Naves (2010, pg. 110) naquele momento houve “uma substituição de uma retórica utópica por uma estética do aqui e agora”.

Esse movimento foi influenciado pela postura adotada por Bob Dylan, que a partir de 1966, realiza um rompimento com posicionamentos mais engajados dos seus primeiros discos, retratando uma perspectiva de enfatizar o tempo presente (real ou mágico) e não mais de reivindicar posturas mais grandiosas e ligadas ao futuro. A utilização de instrumentos elétricos é também um dos marcos dessa nova fase composicional de Dylan. Em certa medida Dylan adota o que Naves (2010) considera como o “eu lírico” presente em algumas canções com em “Mister Tambourine”.

Nessa perspectiva, retratada na canção “Mister Tambourine”, segundo Naves (2010, p. 110) “a rua – cenário privilegiado da música de protesto – é agora a antiquíssima rua vazia e está morta demais para os sonhos. O eu lírico que embarcar no navio mágico do Homem o Pandeiro, e

<sup>1</sup> Gravada em 1987 no LP *Tango* e em 2012 no CD *Foi no mês que vem*.

está *pronto para ir a qualquer lugar ... estou pronto para desaparecer*<sup>2</sup>. Essa tendência se consubstancia em vários outros momentos e nos leva a essas releituras a partir da perspectiva do ouvinte-leitor. Trata-se aqui da análise de enunciados relacionados a utilização da linguagem em gêneros de discurso característicos da canção, retratando contextos históricos passíveis de serem ressemantizados (Bahktin, 2011).

Alguns autores consideram que o movimento Tropicalista no Brasil iniciou um processo de desconstrução da canção, na medida em que adota temáticas e ambientação musical baseadas em recortes e colagens, características também das músicas de vanguarda e do dadaísmo na poesia. No contexto da década de 1970, alguns compositores passam a representar uma nova geração que continua o caminho dessa espécie de “desconstrução da canção” retratando o estado de espírito do momento atual. A canção “Vapor Barato”<sup>3</sup>, de Jards Macalé e Waly Salomão, considerada como a última canção de protesto no Brasil, esteve ligada ao sonho libertário da chamada contracultura, atualizando de certa maneira “a linguagem do rock para as condições locais, num momento pós-Ato Institucional nº 5 – de repressão cultural e política” (Naves 2010, p. 116).

Com o objetivo de embasarmos o caminho a ser seguido no presente artigo, citamos uma perspectiva de ressemantização da canção no universo cinematográfico do cineasta Walter Salles apontado por Alexandre Garcia (2014) no artigo *Central do Brasil, Terra Estrangeira*. A música “Vapor Barato”, composta no contexto pós-tropicália é ressemantizada: “assume o mesmo sentido de “Preciso me Encontrar” de Cartola e Elton Medeiros”. Os dois filmes percorrem caminhos em viagens com um intuito de “descobrir o outro para afirmar a si mesmo, reatar algum elo perdido na linha temporal”. Nos dois filmes de Walter Sales a viagem tem

<sup>2</sup> Em *itálico* os trechos retirados da canção “Mister Tambourin” traduzidos pela autora (Naves, 20101).

<sup>3</sup> Canção composta em 1970 e gravada por Gal Costa (1971) e por Jards Macalé (1973).

universos geográficos que identificam a busca de artistas e intelectuais brasileiros em busca de uma possível identidade: em *Terra Estrangeira*, o exterior (eurocentrismo) e em *Central do Brasil* o interior (alteridade).

Para Garcia (2014) no filme *Terra Estrangeira* o “meter o pé na estrada, like a rolling stone, o sonho moderno encarnado pelo *beat generation* de se livrar do passado e colonizar o futuro” proposto por Paz (1994), “aquele velho navio encalhado na praia que, no entanto, ainda se move”. Os dois filmes de Salles “encerra-se com os personagens à deriva; no caso do segundo filme, Dora pode ser uma metáfora para o Brasil” de hoje! Para o autor dos filmes busca: “resgatar valores que reatem o homem à sua condição demasiadamente humana, num processo de desreificação pela assunção plena da precariedade do presente, uma vez que os projetos para o futuro ou afundaram ou encalharam e apodreceram na praia”.

Segundo Moraes (2000) *apud* Silva (2005, p.236), para se trabalhar com o universo da canção “o procedimento metodológico deve ser criado pelo pesquisador conforme aspectos teóricos, contextuais, históricos e os objetivos integrantes do seu projeto de trabalho”. Nesse sentido, a trajetória metodológica a ser utilizada virá apoiar abordagens ligadas à releituras e ressemantizações dos enunciados presentes na canção «Loucos de Cara» a partir da perspectiva do ouvinte (analista) em determinado contexto histórico, nesse caso no Brasil da atualidade. Nessa perspectiva essa canção propicia associações com uma espécie de “canção crítica” que surge, segundo Naves (2010, p. 110), em um momento de “substituição de uma retórica utópica por uma estética do aqui agora”, visão esta sustentada por Paz (1984) a partir perspectiva pós-utópica que “investiria no tempo presente e o recriaria, procurando recuperar os seus valores corporais, intuitivos e mágicos”.

O presente artigo pretende analisar a canção “Louca de Cara” de Kleiton Ramil e Vitor Ramil a partir de uma espécie de ressemantização realizada em 2013, quando da audição da re-gravação da mesma pelo compositor Vitor Ramil no seu novo CD “Foi no mês que vem” (2012).

Nesse CD o compositor realiza um retrospecto de músicas da sua carreira, principalmente, da fase em que encontra sua linguagem própria no âmbito de canções de cunho intimista, mesmo que utilizando de temas regionais do sul do país e das fronteiras da Argentina e Uruguai, os pampas, o Rio da Prata, o gênero musical Milonga, porém sem regionalismos musicais caricatos, no estilo próprio e leve do compositor.

A partir da canção “Joey” de Dylan, Vitor realiza em “Joquim” uma retranscrição da letra que nos fala de um cientista maluco em um contexto surreal. Esse mesmo clima, de alguma forma, é refletido na letra da canção “Loucos de Cara”. Um pseudo fator social está intrínseco nessa letra na medida em que ela cita fatos surreais ligados a personagens como Lenin, Deus, Lenon, Garibaldi, etc (RAMIL, 2014). Todo esse contexto aliado ao descontentamento com o presente refletido também na canção “Mister Tambourine” seria o ponto de enlace da letra da canção “Loucos de Cara” com o momento presente no Brasil, nessa possível re-interpretação, a qual propomos aqui.

Em um capítulo da *Estética da Criação Verbal*, Bahktin (2013) propõe abordagens de análise de discursos por meio de tipos de gêneros (científico, literário, artístico), tipos de enunciados com seus conteúdos temáticos, com seus estilos de construção composicional. Para o autor “os enunciados “são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação” (BAHKTIN, 2013, p. 262). Em uma letra de uma canção ocorre uma comunicação que emite um conteúdo temático aberto a “entonações”, por parte do intérprete que através da ênfase em uma ou outra palavra sugere um tipo de comunicação extra verbal. Para Bahktin (2013, p. 449) “é precisamente este ‘tom’ (entonação) que faz a ‘música’ (sentido geral, significado geral) de todo enunciado”.

Bahktin enfatiza ainda três outros aspectos ligados aos enunciados veiculados. Primeiramente o autor considera que os “gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAHKTIN, 2013, p. 268). Os conteúdos refletem esse aspecto

histórico/social e o gênero discursivo empregado contextualiza-se por meio do tipo de linguagem utilizada. Por outro lado, destaca que todo enunciado é a “expressão do mundo individual do falante ... uma criação espiritual do indivíduo” (BAHKTIN, 2013, p. 270). Por fim, ressalta que “toda comunicação é preche de resposta ... o ouvinte se torna falante” (BAHKTIN, 2013, p. 271).

A partir desses pressupostos formulados por Bahkin partimos para análise da letra da canção “Loucos de Cara” de Vitor Ramil. A letra de uma canção pode ser considerada como um gênero artístico e eventualmente literário, visto que algumas poesias eventualmente são musicadas. O enunciado sugerido pela letra reflete um estilo de construção surreal dos fatos históricos e fictícios formulados nas primeiras estrofes da letra. Nessa parte o autor realiza aspectos históricos e sociais quando cita Lenin, Garibaldi e John Lenon, mesmo que colocando alguns desses personagens no mundo do ouvinte, ou da pessoa a quem o autor fala.

A segunda parte da canção o compositor enfatiza conteúdos de caráter mais espiritual. Sugerindo estados de espírito descompromissados, sem perspectiva, como também sugerindo um olhar para o interior, e um clima esperançoso nas seguintes frases: *“tudo pulsar num imenso vazio, coisas saindo do nada, indo pro nada. Se mais nada existir mesmo o que sempre chamamos real, e isso pra ti for tão claro, que nem percebas... se um dia qualquer ter lucidez for o mesmo que andar e não notares que andas, o tempo inteiro. É sinal que valeu! Pega carona no carro que vem. Se ele não vem não importa. Fica na tua...”*<sup>4</sup>. Nesse segunda parte ocorrem algumas entonações na interpretação de Vitor Ramil, por exemplo na palavra “real”, como também alguns destaques entonativos nos acentos de acordes que ressoam de forma especial no violão com a utilização de cordas soltas.

Para o autor da letra de “Loucos de Cara”, Vitor Ramil o título refere-se a jovens do final da daquela época que optavam por não usar dro-

<sup>4</sup> Conferir letra da canção “Loucos de Cara” no Anexo 2

gas, mas que continuavam com posturas ditas irreverentes para aquele momento (Ramil, 2014). Vitor enumera uma série de “loucos de cara” ao longo da canção, entre eles os: poetas, soldados, malditos, parceiros, ciganos, inquietos, videntes, descrentes, pirados, latinos, deuses, gênios, santos, podres, ateus, imundos, limpos, moleques, gigantes, tolos, monstros, sábios, bardos, anjos, rudes, cheios do saco e fantasmas. No momento do “cheios do saco” mais uma vez o compositor/intérprete enfatiza a entonação em tom de desabafo.

Na estruturação do discurso o autor realiza de forma madura uma colocação de Bahktin (2013, p. 289) na qual o autor afirma que “a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (o autor) centradas no objeto e no sentido. A estratégia da primeira parte de lançar dados históricos e fictícios de personagens da história real, e espiritual como Deus e de na segunda parte lançar mão de valores individuais e espirituais, provavelmente, tenha sido uma estratégia compositiva do letrista Vitor Ramil. Nessa segunda parte Vitor afirma uma perspectiva já citada, formulada por Octávio Paz (1984), *apud* Naves (2010, p. 111), segundo a qual “em vez de projetar soluções para o futuro a nova tendência investiria no tempo presente e o recriaria, procurando recuperar, segundo Paz, os seus valores corporais, intuitivos e mágicos”.

Em Ramil (2004) o compositor afirma que sempre compôs canções de cunho regional, as Milongas, mesmo que “ao seu estilo”. A canção “Loucos de Cara” reflete muito bem essa perspectiva. Ela pode ser considerada uma milonga-canção (LOUREIRO, 2013). Segundo o compositor essa tendência aliada a uma “escolha” por adotar as milongas e canções de caráter mais intimista responde a um anseio seu de buscar unidade em meio ao ecletismo musical. Para Vitor:

“se o ecletismo musical fizera sentido na música brasileira da minha infância e adolescência nos anos 70, anos da ditadura militar, como reação natural a um mundo que tendia a se perpetuar em

formas estanques, agora, num mundo plural cujas partes estavam abertas, fazia menos sentido que uma linguagem capaz de pôr unidade na diversidade” (RAMIL, 2004, p. 18).

Aspectos musicais interessantes podem ser observados, pois, em parcerias realizadas à distância, como essa, ocorrem certos desvios de intenções da parte do compositor da melodia ou do letrista, adequações às necessidades compositivas de um ou de outro. No caso de “Loucos de Cara” as intenções do compositor da melodia foram adaptadas ao contexto intencional do letrista (RAMIL, 2014). O que Kleiton (autor da melodia) imaginou como introdução instrumental, transformou-se na Parte A da música e, com isso, uma música que teria duas partes passou a ter três partes, diferenciadas em termos melódicos (RAMIL, 2014 e LOUREIRO, 2013).

Uma interpretação atual da canção “Loucos de Cara” foi feita para o presente artigo no contexto social da atualidade brasileira. Quem são os novos “loucos de cara” que foram às ruas no último ano? Sigo o trajeto interpretativo a partir da perspectiva do ouvinte em outro contexto histórico, – diferente do ano de 1987 –, no qual a música foi composta e gravada pela primeira vez. Na canção, conforme depoimento, de Vitor Ramil (2014), as frases aparentemente dicotômicas: *Vem anda comigo* e *Fica na tua* têm a mesma conotação no sentido de que o autor sugere o *fica na tua* com uma intenção de persuadir alguém a quem fala de que apesar de todos os fatos históricos e fictícios citados na canção terem algum sentido, naquele momento nada importava, – por isso a expressão “fica na tua”. O que realmente o compositor queria expressar era o “vem anda comigo”.

Reiterando a afirmação de Loureiro (2013, p. 268): “não há canção em Vitor Ramil, na qual o ouvinte não seja parte do processo, ou na qual se possa pretender que o ouvinte não exista”<sup>5</sup>, partimos para a

<sup>5</sup> Tal citação se deu no momento em que o autor aponta um tipo de interpretação “sutil” por parte do compositor em boa parte das suas criações, permitindo essas frestas interpretativas por parte do ouvinte.



nossa interpretação primeira associando a dicotomia citada acima com sentidos contrários, quer dizer, em algum momento digo ao outro “fica na tua”, em outros digo “vem anda comigo”. Uma dubiedade de quem talvez não saiba bem o quer. Nesse sentido associamos tal interpretação, ou releitura à seguinte indagação; Qual seria a face dos jovens, alguns mascarados, e mesmo da população em geral que foi às ruas no Brasil desde o mês de junho de 2013? Tal dúvida persegue nossas reflexões e a dicotomia citada acima de alguma forma responde tal indagação.

Voltando aos questionamentos anteriores de que reclamam os jovens? O que questiona uma mãe de uma criança de um ano e meio em um depoimento no Facebook<sup>6</sup>? No depoimento da jovem mãe encontram-se afirmações de alguém que “precisa de um mundo melhor para sua filha”. A jovem mãe inquiriu seus amigos do site com as seguintes afirmações: “está na hora de encararmos a realidade sim, fazermos algo diferente... podemos começar fazendo a nossa parte, educando nossos filhos, lutando pelos nossos direitos, nos preocupando com o legado que nossa geração vai deixar, fazendo o correto e não mais usando o jeitinho brasileiro... entenda .... isso acabou...”

Por um lado, a partir do depoimento da jovem mãe notamos que uma parte desses jovens acredita que pode mudar o presente e outros, os novos “loucos de cara”, podem estar sendo manipulados por facções políticas “aparentemente” contrárias o governo atual, ou não sabem mesmo o que querem. Quem são essas pessoas? Com certeza em nada se parecem com os jovens da geração pós-tropicalista<sup>7</sup> que em meio aos anos da ditadura militar continuaram produzindo canções de certa forma “inquietas” que caracterizaram o novo molde da canção de protesto, a “canção crítica” apontada por Naves (2010), gênero no qual a canção

<sup>6</sup> Depoimento de Patrícia Rodrigues Andrade publicado no seu perfil do Facebook (Versão completa no Anexo 1).

<sup>7</sup> Destacam-se os compositores da canção “Vapor Barato”, Jards Macalé e Waly Salomão, LuizMelodia, Raul Seixas, Rita Lee e Roberto de Carvalho, entre outros (Naves, 2010).

“Loucos de Cara” se encaixa, a partir da perspectiva de ressemantização aqui trabalhada.

Como profetizado por Paz, na primeira edição do livro *Os filhos do barro- do Romantismo à Vanguarda*, em 1974, esse tempo seria o tempo em que as minorias se uniriam para reivindicar seus espaços e direitos de expressão. Para Naves<sup>8</sup> (2010, p. 130): “os novos atores se propõem a conferir novos significados a alguns conceitos legados pelo Iluminismo, particularmente os de “cidadania” e “democracia”, ou a ressignificá-los”. Nesse sentido podemos concordar com Paz quando afirma que “a política deixa de ser a construção do futuro: sua missão é tornar o presente habitável” (PAZ, 2013, p. 161).

No caminho das ressignificações os valores corporais, intuitivos e mágicos, revelados por Paz (1994) precisam ser vivenciados não apenas nas torcidas de futebol, nos protestos disparatados, mas sim nos nossos valores internos vindos talvez do barro, do retorno às nossas raízes mais significativas, por exemplo, do sertanejo do nordeste, representado na obra do escritor, recém-falecido, Ariano Suassuna ou dos pampas gaúchos. Para nós artistas esses valores tornam-se expressos nas batalhas em prol da vivência dos nossos universos artísticos como, por exemplo, o dos compositores Kleiton e Vitor Ramil, na canção “Loucos de Cara”. Nossos valores mágicos estão no futebol arte, na nossa música, nas nossas almas, acessemos-los!

## Referências

ANDRADE, Patrícia R. *Depoimento*, publicado no [www.facebook.com](http://www.facebook.com), no dia 29 de maio de 2014. Acessado em 30.05.2014.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p.258-306, 2011.

<sup>8</sup> A autora refere-se às minorias de caráter étnico, de gênero, de tipos de orientação sexual e dos movimentos sociais.

- FARIAS, Alexandre. *Central do Brasil, Terra Estrangeira*. In: Revista dos Alunos do Programa de Mestrado e Doutorado em Letras da PUC-Rio de Janeiro, v.4, p. 165-181, 1999 e ampliado em <http://www.textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/pesquisa/arquivos/centraldoBrasilterraestrangeira.pdf>. Acessado em 23.05.2014.
- LOUREIRO, Celso C. *Canções, na verdade*. In: RAMIL, Vitor. *Song Book*. Caxias do Sul, RS: Belas Letras, 2013.
- MORAES, J. G. V. de. *História e música: canção popular e conhecimento histórico*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.20, n.39, p.203-221, 2000.
- NAVES, Santuza C. *Canção Popular no Brasil*. Coleção Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. São Paulo: Cosif Naif, 2013
- RAMIL, Vitor. *A Estética do Frio: Conferência de Genebra – L'Esthétique du froid: conférence de Genève*. Porto Alegre: Stolep, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Loucos de Cara*. In: *Foi no mês que vem*. CD Duplo. Pelotas: Satolep, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Ao pé da Letra – Vitor Ramil explica Loucos de Cara*. *Jornal Zero Hora/ Segundo Caderno* em: <http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/segundo-caderno/2013/12/letra-vitor-ramil-explica-loucos-cara/55487/>. Acessado em 23.05.2014.
- SILVA, Milton. F. *Bakhtin e a canção de protesto: diálogo possível*. *Revista Recre*, Florianópolis, v. 2, p. 236-255, 2005.

## Anexo 1

Todos dia eu escuto coisas que me fazem ficar apavorada com meu futuro... pior com o futuro da minha filha com apenas 1 ano e 6 meses, violência, corrupção, falta de amor, descaso na saúde publica e privada, educação, consumismo, desrespeito a natureza .....orgulho... enfim estamos tentando nos enganar, mais infelizmente estamos sim vivendo uma guerra civil...mais e ai o que podemos fazer? nada? Bom acho que esta na hora de encaramos a realidade sim fazermos algo diferente... podemos começar fazendo a nossa parte, educando nossos filhos, lutando pelos

nostros direitos, nos preocupando com o legado que nossa geração vai deixar, fazendo o correto e não mais usando o jeitinho brasileiro.. entenda isso acabou... não dá mais tempo de empurrarmos com a barriga... a realidade está aí.. e sim pode ter certeza vai piorar... então temos que fazer algo diferente agora... ontem...se a violência ainda não chegou na sua porta...tenha certeza vai chegar...se continuar assim todos nós.. todos vamos um dia sofrer...seja com um assalto, falta de médico, falta de escola, emprego, falta de água, sim isso msm...ahhh sem falar que daqui a pouco até o ar que respiramos vai faltar...então se vc não é a favor de manifestações, greves, etc não tem problema...faça de sua maneira...só não seja mais um cômodo e não feche os seus olhos...pelo menos lute de sua maneira...vamos fazer... e sim podemos juntos fazer um mundo melhor...eu preciso de um mundo melhor para minha filha...

(Depoimento de Patrícia Rodrigues Andrade, com publicação autorizada pela autora. Publicado em 29 de maio no [www.facebook.com](http://www.facebook.com)).

## Anexo 2

### **LOUCOS DE CARA**

*Kleitton Ramil / Vitor Ramil*

Vem  
anda comigo  
pelo planeta  
vamos sumir!

Vem  
nada nos prende  
ombro no ombro  
vamos sumir!

Não importa  
que Deus jogue pesadas moedas do céu  
vire sacolas de lixo pelo caminho  
Se na praça em Moscou

Lênin caminha e procura por ti  
sob o luar do oriente  
fica na tua  
Não importam vitórias  
grandes derrotas, bilhões de fuzis  
aço e perfume dos mísseis nos teus sapatos  
Os chineses e os negros  
lotam navios e decoram canções  
fumam haxixe na esquina  
fica na tua

Vem  
anda comigo  
pelo planeta  
vamos sumir!  
Vem  
nada nos prende  
ombro no ombro  
vamos sumir!

Não importa  
que Lennon arme no inferno a polícia civil  
mostre as orelhas de burro aos peruanos  
Garibaldi delira  
puxa no campo um provável navio  
grita no mar farroupilha  
fica na tua  
Não importa  
que os vikings queimem as fábricas do cone sul  
virem barris de bebidas no Rio da Prata  
M'boitatá nos espera  
na encruzilhada da noite sem luz  
com sua fome encantada  
fica na tua

Poetas loucos de cara  
Soldados loucos de cara  
Malditos loucos de cara  
Ah, vamos sumir!

Parceiros loucos de cara  
Ciganos loucos de cara  
Inquietos loucos de cara  
Ah, vamos sumir!

Vem  
anda comigo  
pelo planeta  
vamos sumir!

Vem  
nada nos prende  
ombro no ombro  
vamos sumir!

Se um dia qualquer  
tudo pulsar num imenso vazio  
coisas saindo do nada  
indo pro nada  
se mais nada existir  
mesmo o que sempre chamamos REAL  
e isso pra ti for tão claro  
que nem percebas  
se um dia qualquer  
ter lucidez for o mesmo que andar  
e não notares que andas  
o tempo inteiro  
É sinal que valeu!

Pega carona no carro que vem  
se ele é azul, não importa  
fica na tua

Videntes loucos de cara  
Descrentes loucos de cara  
Pirados loucos de cara  
Ah, vamos sumir!  
Latinos, deuses, gênios, santos, podres  
ateus, imundos e limpos  
Moleques loucos de cara  
Ah, vamos sumir!  
Gigantes, tolos, monges, monstros, sábios  
bardos, anjos rudes, cheios do saco  
Fantasmas loucos de cara  
Ah, vamos sumir!

Vem  
anda comigo  
pelo planeta  
vamos sumir!  
Vem  
nada nos prende  
ombro no ombro  
vamos sumir!